

# NOS PASSEIOS DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DE A *CIDADE ILHADA*, DE MILTON HATOUM<sup>1</sup>

José Leandro do Nascimento Furtado<sup>2</sup>  
Juciane Cavalheiro<sup>3</sup>

## Resumo:

Neste trabalho, elegemos três contos de Milton Hatoum, presentes em sua primeira coletânea do gênero, *A cidade ilhada* (2009). Objetivamos compreender como os narradores, presentes nos contos “Varandas da Eva”, “Uma Estrangeira da nossa rua” e “Dois tempos”, trabalham o tecido da memória. Os fundamentos teóricos deste trabalho se estruturam nos marcos da relação entre memória e narrativa, sobretudo a partir dos postulados teóricos de Paul Ricoeur (1994) e Walter Benjamin (1994). Nossas conclusões apontam que o gênero conto dá, de certa forma, mais liberdade ao escritor, através de seus narradores, de realizar um passeio pela memória.

**Palavras-chave:** narrativa; contos; memória; Milton Hatoum.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 14 de dezembro de 2017 à banca examinadora, constituída pelos professores: Dra. Juciane Cavalheiro – orientadora (UEA), Dr. Allison Leão – avaliador (UEA) e Rosa Maria Monteiro (SEDUC-PPGL-UFAM).

<sup>2</sup> Aluno do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>3</sup> Professora Adjunta do curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas.

## NOS PASSEIOS DA MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DE A *CIDADE ILHADA*, DE MILTON HATOUM

Quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos. [...] É da memória que extraímos... as palavras concebidas a partir das imagens que são gravadas no espírito: 'minha infância, que não existe mais, está no tempo passado que não existe mais; mas sua imagem é no presente que a contemplo porque, porque está na memória. (RICOUER, 1994, p. 27)

### Considerações Iniciais

Em nosso estudo, elegemos três contos – “Varandas da Eva”, “Uma Estrangeira da nossa rua” e “Dois tempos” – de Milton Hatoum (Manaus, 1952), presentes em *A Cidade Ilhada* (2009), sua primeira coletânea de contos.

Nascido em Manaus, em 1952, estudou arquitetura e ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Estreou na ficção com a obra *Relato de Um Certo Oriente*, publicado em 1989 e vencedor do prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Seu segundo romance, *Dois Irmãos* (2000), mereceu outro Jabuti e foi traduzido para oito idiomas. Com *Cinzas do Norte* (2005), Hatoum ganhou os prêmios Jabuti, Bravo!, APCA e Portugal Telecom. Em 2008 publicou *Órfãos do Eldorado*. *A cidade Ilhada* é sua primeira coletânea de contos.

Nos quatorze contos do livro, o espaço predominante é a sua cidade natal, apenas dois não se passam em Manaus, como o próprio narrador dos relatos confessa no conto “Uma carta de Bancroft”: “para onde eu vou, Manaus me persegue” (HATOUM, 2009, p. 26). Todavia, por mais que a presença constante de Manaus se faça presente em sua ficção, “é no intervalo entre o espaço real, sua observação pelo autor e narradores e sua representação no espaço literário que Milton Hatoum se diferencia da ficção regionalista realista” (LEÃO, 2011, p. 7).

Outra característica da escrita do autor é a repetição de personagens em diversas histórias, ou seja, as personagens transitam pelas histórias narradas por Hatoum, como é

o caso do tio Ranulfo, presente no romance *Cinzas do Norte* e também nos três contos eleitos para a análise, a saber: “Varandas da Eva”, “Uma estrangeira da nossa rua” e “Dois tempos”. As personagens, de certo modo, dialogam entre si, ao mesmo tempo em que narram suas experiências, ou seja, falam de um passado que é narrado a partir da memória dos narradores já adultos. Conforme Benjamim (1994, p. 214) afirma: “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo”. Ademais,

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens – é a imagem de uma experiência coletiva (BENJAMIN, 1994, p. 215).

“Varandas da Eva” é narrado em primeira pessoa. Nesse conto, o narrador-personagem relata sua primeira relação sexual ocorrida em sua juventude. A ida do grupo de amigos ao bordel, nomeado de Varandas da Eva, é patrocinada por Ranulfo (Tio Ran), personagem que representa um papel de “pai camarada”, espelhando basicamente os prazeres com mulheres e com a vida noturna. Após sua primeira noite no bordel, o personagem principal se apaixona e volta outras vezes ao mesmo lugar com esperança de reencontrar a mulher de sua primeira noite, porém não obtém sucesso. O tempo passa, ele se muda com os tios e passa a ver bem menos seus amigos. Tempos depois, reencontra Minotauro e este logo faz um resumo da vida de todos. Já estando bem mais velho, em um passeio após sair do fórum, o protagonista reconhece seu grande amigo Tarso em uma canoa à beira do igarapé, mais a frente enxerga também uma mulher na porta da casa, cujos traços são reconhecidos imediatamente. Aquela mulher que ele tanto procurou, por coincidência, era a mãe de seu amigo.

“Uma estrangeira da nossa rua”, segundo conto eleito para nossa análise, conta a história de um jovem que mora com seus tios e que aparentemente é o mesmo jovem protagonista do conto “Varandas da Eva”. O personagem retorna a Manaus depois de passar algum tempo estudando fora e, ao notar a ausência da casa azul, relembra de seu amor platônico por uma garota que jamais saía de casa sem a companhia dos pais. Lyris era a paixão secreta do narrador, uma jovem ruiva, dona de uma beleza inigualável, filha de um grande engenheiro. Era tida como inalcançável pelo jovem rapaz por possuir tantos atributos. Certo dia a família Doherty sai e nunca mais retorna. Somente tempos depois o narrador recebe uma carta de seu primeiro amor enviada da Tailândia.

“Dois tempos” relata a história de um homem que volta a Manaus a fim de fazer uma surpresa ao seu tio Ranulfo, com quem morou quando jovem. Durante uma caminhada pela cidade, encontra uma vizinha e ex-aluna da mesma escola onde estudou canto. Ele relembra do conservatório, das aulas de piano e do recital no teatro Amazonas que assistiu junto com seu tio. Vagando em suas memórias, relembra de uma boa época de sua juventude. Porém, volta à realidade quando sua amiga Aiana o leva até uma sala espaçosa e iluminada por lamparinas. Ao entrar, vê um homem velho e triste – seu tio Ran – curvado sobre o rosto de uma mulher deitada, quieta e com as mãos cruzadas – sua ex-professora dona Steinway.

Objetivamos, em nosso estudo, verificar, a partir do narrador, como a memória é trabalhada nos três contos. Hatoum, em palestra proferida na Universidade do Estado do Amazonas, em dezembro de 2017, afirma que sua ficção parte de acontecimentos vivenciados ou presenciados, ou seja, “é da memória que extraímos, não as próprias coisas, que passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito, como impressões, passando pelos sentidos” (RICOUER, 1994, p. 27).

## **1. Os Tecidos da Memória**

Falar sobre memória é andar por um vasto campo, seja este teórico, seja este prático, pois os estudos relativos a este tema estão presentes em diversas áreas de pesquisa. Jeanne Marie Gagnebin (2009) afirma que existe hoje grande preocupação com os estudos referentes à memória, desmemória, resgate, tradições. Segundo a autora:

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez ela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens. (GAGNEBIN, 2009, p. 97).

Antigamente, para os gregos, a memória era vista como um dom sobrenatural. O registro era tido como algo enfraquecedor dessa habilidade. Dessa forma, era preciso exercitar e utilizar várias técnicas para preservar a lembrança sem abrir mão dos registros escritos. Para os romanos, ela era instrumento fundamental na arte da retórica. Era necessário ser conhecedor de todas as regras, tornando dispensável o uso de

qualquer recurso escrito. A partir da Idade Média, a igreja católica passa a organizar o tempo no chamado ano litúrgico. Os acontecimentos sagrados importantes, milagres e santos, são lembrados, louvados e comemorados anualmente em datas específicas.

Gagnebin afirma que “a memória, mesmo que seja tão antiga como a poesia homérica, assume hoje traços muito específicos” (2009, p. 97). Isso porque com a urbanização, a tecnologia, a internet, as novas formas de comunicação, as relações sociais se modificaram, juntamente com a maneira de pensar de cada indivíduo, e isso também refletiu na maneira em que são armazenadas, repassadas, utilizadas as memórias dentro do ambiente social. Com o avanço das inúmeras áreas de estudo, o conceito ganhou espaço também no âmbito das Ciências Sociais que discute sobre a Memória Individual e Coletiva, em que, segundo Maurice Halbwachs (1990), estão diretamente relacionadas, pois, por mais íntima que pareça uma lembrança, ela ainda remete a um grupo. Para o autor, as lembranças se constituem a partir das experiências proporcionadas por um grupo, seja ele familiar, profissional ou de amizade. Assim, dificilmente ocorrerão casos em que o indivíduo não recorra a esses suportes, pois:

O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só sua. (HALBWACHS, 1990 apud KESSEL, p. 3).

Há diversos campos do saber que se dedicam a entender a memória. Para alguns, há uma preocupação primária em entender como o cérebro armazena a memória, e se esse mecanismo é semelhante para os seus diferentes tipos (memória de curto e longo prazo). Nos estudos de psicologia, por exemplo, há, pelo menos, três diferentes processos que podem ser identificados na memória humana como responsáveis pela realização de suas operações: a codificação, a retenção e a recuperação.

Na filosofia há um interesse pelo poder representativo da memória. Especula-se sobre a existência de um “sentimento específico” para o passado, já que quando evocamos a memória de um acontecimento, sabemos que se trata de uma ocorrência do passado e não apenas uma criação imaginária momentânea.

De acordo com a teoria do filósofo francês Henri Bergson (1998), há duas formas de sobrevivência do passado: 1) em mecanismos motores e 2) em lembranças independentes. A memória voluntária é aquela adquirida pelo hábito, pela repetição de um mesmo esforço, de uma mesma ação, como, por exemplo, saber usar um computador, dirigir um carro, pedalar em uma bicicleta. Trata-se, pois, de uma lembrança-hábito, de uma lembrança-adquirida, conquistada pelo esforço e dependente de nossa vontade. Por outro lado, a memória involuntária ou lembrança-espontânea independe de nossa vontade, surge de uma lembrança e é imprevisível. Há como que uma amplificação de um ponto do passado. É o resultado de uma emoção, de uma sensação, que pode ser olfativa, auditiva, gustativa ou pelo tato, haja vista que a percepção pela visão é, por excelência, representante da memória voluntária. (BERGSON, 1998 apud GURGEL, 2012).

Paul Ricouer (1994) afirma que a imagem criada a partir do ato de recordar é uma impressão deixada pelos acontecimentos e que permanece fixa no espírito, ou seja, relembremos e manifestamos imagens internalizadas em nossa própria mente que de alguma forma foram importantes e marcaram nossa vida.

Durante o processo de arquivamento, existem fatores que contribuem para a organização desse fato em nosso cérebro, servindo como auxiliares no momento em que buscamos o passado. Para Bridget Christine (2007), esses fatores correspondem à junção de todos os sentidos para que dessa maneira haja o resgate da memória. O trabalho de recordação está intimamente ligado a estímulos, como um cheiro, uma sensação, um som:

Os sentidos são uma poderosa força da memória, atuando um após o outro para criar toda uma realidade passada que é irrecuperável, salvo por esse caminho. A memória não é somente uma vaga “visão” ou uma recordação onírica pertencente a um território metafísico, é, sim, uma experiência sensual intensa que conta não apenas com a mente, mas também com o corpo para que a torne viável. (CHRISTINE, 2007, p. 230).

Christine (2007, p. 225) explica que “os aspectos físicos, porém intangíveis, invisíveis, inaudíveis e imensuráveis do sentido olfativo se ligam inexplicavelmente aos outros sentidos que, um após o outro, recriam o passado”, reafirmando a existência de um processo ativador da memória, pelo qual não somente o cérebro participa, mas também todo o corpo a partir de todos os sentidos, um após o outro, numa sequência de contribuição mútua. Acrescenta ainda que “a memória não é simplesmente um

memorial, uma imagem, um odor, uma anedota ou paisagem; é a confluência e interação de todos esses elementos, unidos para recriar o passado em nossa consciência” (CHRISTINE, 2007, p. 236). Assim, todos os acontecimentos e épocas, por mais simples que sejam ou pareçam ser, deixam marcas em nossas vidas e não apenas isso, eles se tornam parte da identidade de cada um.

Observamos essa questão ainda nos estudos de Beatriz Sarlo (2012, p. 19) no qual ela explica que “O passado retorna como uma imagem de costumes onde os detalhes, as originalidades, a exceção à norma, as curiosidades que já não se encontram no presente são valorizadas”. Com isso é possível afirmar que o passado depende dos rastros fixos em nossa memória. É a partir do incomum, do imprevisível, do raro, dos detalhes, por mais sutis que sejam, que acontece o resgate, como sentir o cheiro de terra molhada e lembrar as tardes chuvosas na infância, ou sentir um perfume doce, suave e lembrar da mãe, ou ainda ouvir novamente uma música que reaviva um passado, uma recordação, por se tratar de uma época significativa da vida ou mesmo pelo simples fato de que aquele tempo não volta mais.

## **2. Entre lembranças: o passado narrado a partir da memória**

Um aspecto importante é a manifestação dos narradores sobre as suas memórias, um registro de um passado que deixa marcas na sua vida. Pois, conforme afirma Benjamin,

o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. Contudo, assim como essas camadas abrangem o estrato camponês, marítimo e urbano, nos múltiplos estágios de seu desenvolvimento econômico e técnico, assim também se estratificam de múltiplas maneiras os conceitos em que o acervo de experiências dessas camadas se manifesta para nós. (BENJAMIN, 1996, p. 214).

Afirma ainda: “comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência [...] é a imagem de uma experiência individual”. (BENJAMIN, 1996, p. 215).

Essas afirmações podem ser observadas nos três contos de Hatoum: em “Varandas da Eva”, o narrador lembra de sua juventude, dos velhos amigos e de suas primeiras noitadas; em “Uma Estrangeira da nossa rua”, um pouco mais novo, relata

sobre seu amor platônico; por último, em “Dois tempos”, relembra sua infância, quando aluno em uma escola de música.

Em outros momentos, a lembrança está intimamente relacionada ao carinho e admiração com os amigos, assim como aos tios dos narradores. Em destaque podemos relatar tia Mira, tio Ran, ou Ranulfo, este último personagem que migra e transita entre os contos. Os relatados possuem uma descrição carregada de saudosismo e de uma vida significativa, memorável, relatada pela lembrança dos protagonistas, os quais apresentam suas vivências de uma maneira realista como nos afirma Ricoeur, que inteligentemente questiona: “como falar de uma vida humana como de uma história em estado nascente se não há experiência que não esteja mediada por sistemas simbólicos, entre eles, os relatos, se não temos nenhuma possibilidade de acesso aos dramas temporais da existência fora das histórias contadas a esse respeito por outros ou por nós mesmos?” (RICOEUR, 1983, p. 141, apud ARFUCH, 2010, p. 112).

Podemos observar essa particularidade nos três contos selecionados, em que a cidade e o seu espaço geográfico são representados com maestria. “Manaus é, pois, um lugar subjetivo de partida e chegada, nunca de permanência, a não ser como espaço de memória, de apego ao que foi e não mais pode ser, mas fica para sempre” (SAMPAIO, 2013, p. 43).

Os lugares de Manaus, recuperados pela memória do narrador, têm início com o primeiro enunciado no primeiro conto da coletânea: “Varandas da Eva: o nome do lugar” (HATOUM, 2009, p. 7). Entre as memórias que se entrecruzam nos três contos, há a presença deste lugar. Além de dar nome ao primeiro conto, é um local desejado e misterioso, assim apresentado pelo narrador: “aquele lugar, Varandas da Eva, ainda era um mistério” (p. 7). O narrador reconta a partir da memória esse lugar com tanta exatidão de detalhes tornando possível ao leitor se inserir na narrativa no mesmo caminho percorrido por ele.

Entramos. Um caminho estreito e sinuoso conduzia ao Varandas da Eva. Aos poucos, uma sombra foi crescendo e no fim do caminho uma luminosidade surgiu na floresta. Era uma construção redonda, de madeira e palha, desenho de oca indígena. Mesinhas na borda do círculo, um salão no meio iluminado por lâmpadas vermelhas. (HATOUM, 2009, p. 10).

No segundo conto, a partir de outra varanda o narrador começa a trazer à memória o que viveu na juventude. Da varanda de sua casa, tem a experiência de ver

Lyris sem roupa; a partir dessa varanda o protagonista também lembra, ao ver as ruínas do bangalô, de sua frustração amorosa.

As lentes do binóculo traziam para perto de mim o contorno e os relevos do corpo, os cachos de cabelo ruivo e os olhos verdes. Tranquei a porta da varanda e com a mão suada me delicieei com a visão do corpo de Lyris. (HATOUM, 2009, p. 19).

Em “Dois Tempos”, a varanda também é recordada pelo narrador quando este vai à primeira vez, na companhia de seu tio, a um balneário noturno, chamado Varandas da Eva: “Com ele fui a primeira vez ao Varandas da Eva e a outros balneários noturnos” (Hatoum, 2009, p. 61). Também há menção a outras varandas: “Comíamos no Sereia do Rio que além de barato, tinha uma varanda para o Rio Negro e a floresta” (Hatoum, 2009, p. 62).

Notamos que a varanda para os três narradores é um ponto marcante, servindo como objeto de recordação, pois estabelece uma ligação com o passado ressuscitado pelos protagonistas, trazendo à tona marcas de uma época significativa de suas vidas.

Há diversas outras recordações e outros lugares que são ativados, tais como: “Festas no Fast Clube e no antigo Barés, bailes a bordo dos navios da Booth Line, (...) brigas na madrugada, lá na calçada do bar do Sujo, na praça da Saudade. Às vezes entrávamos pelos fundos do teatro Amazonas e espiávamos atores e cantores nos camarins (...)” (Hatoum, 2009, p. 7).

Nessa mesma perspectiva é possível observar a descrição do espaço da cidade de Manaus no segundo conto, “Uma estrangeira da nossa rua”, quando o mesmo relata a degradação da natureza, agora substituída por casas e barracos. Relembra o bloco de carnaval do Sujo e as marchinhas, e novamente rememora suas idas ao Teatro Amazonas.

No caminho do aeroporto para casa, eu observava os lugares da cidade agora irreconhecível. Quase toda a floresta em torno da área urbana havia degenerado em aglomerações de barracos ou edifícios horrorosos. (HATOUM, 2009, p. 15).

Certa vez, no carnaval, o bloco do sujo desceu nossa rua batucando uma marchinha antiga. (HATOUM, 2009, p. 18).

Meses depois, meu tio me convidou para ir ao teatro Amazonas. (HATOUM, 2009, p. 19).

O mesmo fato também é recorrente em “Dois Tempos”:

Me hospedei numa pensão perto do teatro Chaminé. Jantei no Sereia do Rio [...] Saí da zona portuária, caminhando devagar até as ruas escuras de um quarteirão antigo. (HATOUM, 2009, p. 61).

Pouco tempo depois, quando eu pensava em deixar a cidade, fui com o tio Ran ao teatro Amazonas. (HATOUM, 2009, p. 65).

Dentro do universo familiar criado por Hatoum, o narrador-protagonista tem em seu tio a substituição da figura paterna, pois é este o responsável e comparsa das aventuras do jovem narrador, cuja função é orientar, ajudar e influenciar o jovem rapaz no espaço sociocultural e principalmente no universo boêmio, o que vem causar admiração e respeito do narrador por seu tio. Em “Varandas da Eva”, podemos destacar os seguintes trechos que enaltecem a figura do tio:

Invejávamos tio Ran, que até se enjoara de tantas noites dormidas no “Varandas”. A vida, para ele, dava outros sinais, descaía para outros caminhos. Enfastiado, sem graça, o queixo erguido, ele mal sorria, e lá do alto nos olhava. (HATOUM, 2009, p. 8).

Tio Ran, homem de palavra, foi generoso: espichou dinheiro para a entrada e a bebida [...] Tio Ran nos levou em seu Dauphine, parou quase na porta, nos desejou boa noite. (HATOUM, 2009, p. 9).

Apesar da aparência inescrupulosa e cafajeste, o tio, por vezes, tenta ajudar o sobrinho. Mesmo sendo desajeitado e de poucas palavras, consegue demonstrar carinho e passar confiança ao rapaz.

Em seguida, alguns trechos de “Uma Estrangeira da nossa rua” sobre a desenvoltura do tio:

Meu tio mais tosco e bruto, andava nu pela casa e sentava de pernas abertas na rede e me encarava com um sorriso cínico (...). Qualquer dia ela larga o pai e vem sentar no meu colo. (HATOUM, 2009, p. 18).

Meu tio piscou para mim e se afastou, e por um momento ficamos sozinhos no canto, de frente para o grande painel de *De Angelis*. (HATOUM, 2009, p. 21).

Também é possível elencar as lembranças que o narrador-personagem tem de seu tio no conto “Dois tempos”. Neste, o tio tem uma maior influência sobre o jovem,

por ser a figura diretamente responsável por ensiná-lo os labores e as descobertas da juventude.

Eu tinha uns catorze anos, e morava na casa de meu tio. Gostava dele, um solteirão estabonado, que me levava para correr no paraná do Cambixe. Com ele fui pela primeira vez ao Varandas da Eva e a outros balneários noturnos. Não se zangava quando me via sem farda, gazeteando aulas; mas nas noites de esbrnia no quarto dele, quando me surpreendia de olho na fechadura, tio Ran me expulsava aos gritos. No dia seguinte, dava um tapa no meu ombro, ria sem jeito, ia embora. (...) Quando voltava de suas viagens misteriosas, me trazia presentes embrulhados com desleixo em papel de padaria. (...) Quando me via triste e calado, querendo saber o motivo de tanto silêncio eu mentia (...). (HATOUM, 2009, p. 61-62).

Quando entrei, vi um homem velho e triste, curvado sobre o rosto da mulher deitada, quieta, as mãos cruzadas. Levei um susto, tentei pronunciar o nome dele, mas emudeci. Tio Ran parecia outro, tão diferente, parado ali em p, as mãos enfiadas no cabelo da professora. (HATOUM, 2009, p. 67).

A figura feminina tmo  recorrente nos três contos analisados. Elas se apresentam de forma extremamente forte e marcante como mulheres sorridentes, bondosas, sensuais e dominadoras. Dessa forma  explícito que, em todos os momentos importantes da vida dos personagens, houvesse uma mulher inesquecível que lhes prestou algum tipo de ensinamento, independente de ser a pessoa amada ou não, como podemos observar em tia Mira, que se apresenta como uma espécie de substituta da figura materna, cuidadosa, conselheira e presente dona de casa. Esta  admirada por ser um ideal de mãe e protetora. Podemos observar isso nos seguintes trechos:

(...) tia Mira costurou uma calça e uma camisa, tudo para o Tarso. (...) Quando ele experimentou a roupa nova, parecia outro, ia chorar de alegria, mas Minotauro, maldoso, debochou (...). Eles ficaram cara a cara, os olhos com faíscas de rancor. Tia Mira se intrometeu, com súplicas de tregua e paz. Os dois olharam para minha tia, os rostos mais serenos, o pensamento talvez em outras searas. (HATOUM, 2009, p. 9).

Naquele ano passei parte dos dias na varanda  espera da moça. Tia Mira ralhava: Vais ser reprovado por causa dela. Desiste de uma vez, ela  quase mulher, e tu s um menino. (HATOUM, 2009, p. 18).

Em “Dois tempos”, Tarazibula Boanerges, professora de canto do protagonista na infância, é descrita com inúmeras qualidades, apesar dos traços peculiares citados pelo próprio narrador. Ganha espaço por ser uma mulher sensível, generosa e dona de uma voz única. Sua posição de professora dedicada e incansável é retratada como um dom destinado a poucos e por isso vista como uma artista ímpar pelo aluno.

Na minha cidade, ela era a protagonista do canto e do piano. Eu me impressionava com o rosto dela cheio de pontinhos pretos, ameaçando formar barba. As pernas eram cabeludas como os braços, mas a voz, de inflexão melódica, me fazia esquecer tudo. O sorriso bonachão e uma generosidade extremada participavam dessa magia. Acima de tudo, era professora e, para nós, uma artista. (...) Ensinau noite e dia, talvez sonhasse com sons. (...) O mais difícil, o quase impossível, o que pede tudo a um artista, o corpo, a alma, ambas concentradas oito ou dez horas diárias ao longo de uma vida, tudo, toda a sua força interior e física, Bach, por exemplo, só ela. E nunca em público, só para nós, quase às escondidas, no fim da tarde, quando ela se desculpava pelas notas erradas ou uma saída do andamento, esbarrões que não percebíamos, não podíamos perceber. (HATOUM, 2009, p. 63).

Além do amor materno/fraternal, encontramos o amor carnal e platônico, sentido, no segundo conto, por Lyris. A moça é uma paixão de infância do personagem e, por ser um amor primário, é idealizado. Ele a descreve com admiração e respeito. No excerto a seguir: “quando senti alguma coisa terrível e ansiosa parecida com a paixão” (p. 16), verificamos sua visível inexperiência no amor, porém, também se compreende que se principia um marco, por ser consumada a história do primeiro amor.

Na varanda de casa, ao olhar as ruínas do bangalô me lembrei de Lyris, mais alta e também menos arredia que a irmã, cabelo quase ruivo, o rosto anguloso e os olhos verdes e um pouco puxados, embaralhavam traços do pai e da mãe. (HATOUM, 2009, p. 16).

É impossível me aproximar de Lyris, pensei, enlouquecido numa tarde quente de agosto em que a vi deitada na cama, nua, lendo um livro de capa vermelha. As lentes do binóculo traziam para perto de mim o contorno e os relevos do corpo, os cachos de cabelo ruivo e os olhos verdes. (...) Foi a primeira moça que vi assim: leitora e nua, no mormaço da minha cidade. (...) E a lembrança daquele quadro durou o tempo da juventude. (HATOUM, 2009, p. 19).

A beleza de Lyris se destacava do pequeno clã como uma orquídea selvagem. (...) E levei um susto quando vi Lyris a dois palmos do meu

rosto. Assim, tão perto, era ainda mais bonita. (HATOUM, 2009, p. 20).

Ainda no palco amoroso, encontra-se a prostituta do conto “Varandas da Eva”, mulher responsável pela iniciação da vida sexual do narrador. Nesse conto a figura feminina perde o conceito idealizado como inalcançável e parte para uma esfera sexual e carnal. Dentro da narrativa é possível encontrar vestígios de que esta foi sua primeira mulher, e como tal, inesquecível. Observamos também a esfera misteriosa, atributo relacionado às mulheres sedutoras.

Não era alta, mas tinha um corpo cheio e recortado, e um rostinho dos mais belos, com olhos acesos, cor de fogo, de gata maracajá. (HATOUM, 2009, p. 10).

Ela me ensinou a fazer tudo, todos os carinhos, sem pressa, com o saber de mulher que já amou e foi amada. (...) Perguntei como se chamava. Ela disfarçou e disse, rindo: Meu nome? Tu não vais saber, é proibido, pecado. Meu nome é só meu. Prometo. (...) Não quis me ver nem ser vista a luz do dia, quando as águas do igarapé ficaram mais escuras do que a noite, ela pediu que eu fosse embora. (HATOUM, 2009, p. 11).

## Considerações Finais

A memória nos três contos analisados nos traz a reconstrução do passado das vivências de seus narradores, sendo possível esta análise a partir das narrações. Nos catorze contos do livro, onze são narrados em primeira pessoa. O resgate memorial é o objeto que o autor utiliza para criar suas personagens e entrecruzar histórias e características de todos em questão. Dessa forma, torna-se o principal meio fornecedor da narrativa, reformulando as imagens utilizadas para recontar um passado significativo. Esses narradores reconstróem suas estórias ao terem um ponto de partida para ativarem suas lembranças no decorrer das narrativas.

Quando, em entrevista concedida a Claudio Leal<sup>4</sup>, em 2009, é questionado sobre “os traços memorialísticos” presentes nos contos de *A cidade ilhada*, Hatoum afirma: “Queria me esconder menos nesses narradores. Não vejo nenhum mal nisso, não vejo

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Milton Hatoum em 12 de março de 2009, "Não estou fincado só onde nasci", concedida a Claudio Leal. In: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3628721-EI6581,00-Milton+Hatoum+Nao+estou+fincado+so+onde+nasci.html>. Acessada em 09 de dezembro de 2017.

nenhum mal em ser memorialista ficcional, uma espécie de memória/ficção”. Vale-se, assim, da memória para criar suas personagens e entrecruzar histórias.

Hatoum, em entrevista<sup>5</sup> também concedida no mesmo ano de publicação da coletânea de contos, declara:

Cada escritor tem suas particularidades, que estão na sua vida, na sua linguagem, no modo de ser, do seu registro cultural. Se eu fosse um escritor paulistano, é provável que eu já tivesse escrito muita coisa sobre São Paulo. O que mais interessa é como eu transfiro, usando um termo freudiano, a minha experiência de vida para a linguagem, de vida e de literatura. Porque a leitura, a realidade lida, é tão importante quanto a realidade vivida para quem escreve. (HATOUM, 2009).

---

<sup>5</sup> - Milton Hatoum, em entrevista "O escritor da Manaus não-exótica, da literatura universal", por Fernanda Picchetto/Icarabe, 22.5.2009. Acesso em 08 de dezembro de 2017.

## Referências

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** / Leonor Arfuch; tradução Paloma Vidal. – Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. 370 p.

AUXILIADORA, Maria / RODRIGUES, Renato. **Memoria Coletiva e Identidade Popular**. In. Revista *LUMEN ET VIRTUS* ISSN 2177-2789 VOL. VI Nº14 DEZEMBRO/2015.

BAKHTIN, Mikhail (1895 - 1975) **Teoria do Romance I: A estilística** / Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Batcharov Vandim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição). 256 p.

BENJAMIN, Walter, 1882 – 1940. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** / Walter Benjamin; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefacio Jeanne Marie Gagnebin. – 7. Ed – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Obras escolhidas; v. 1).

CHRISTINE, Bridget. **Tempo, Sentido e Paisagem: Os Trabalhos da Memória em dois Romances de Milton Hatoum**. In: Maria da Luz Pinheiro de *Arquitetura da Memória: ensaios sobre os romances Dois irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte* de Milton Hatoun. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, UNINORTE, 2007, p. 219-237.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer** / Jeanne Marie Gagnebin - São Paulo: Editora 34, 2009 (2º edição). 224 p.

GURGEL, Adriana. **A Coexistência Entre Passado e Presente na Duração de Henri Bergson**. In Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 6, n. 9, jan/jun, 2012, p. 74-84.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: São Paulo: Vertice, 1990.

HATOUM, Milton. **A Cidade Ilhada: contos** / Milton Hatoum. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva**. Educadora e formadora do Museu da Pessoa é especializada em Museologia, com mestrado em Ciência da Informação.

LEAO, Allison. Milton Hatoun: **Regionalismo Revisitado ou Renegado?** XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFPR – Curitiba, Brasil 18 a 22 de Junho de 2011.

PEREIRA, Flávio: **A Mitologia da Memória Literária: A Memória Voluntária e Involuntária em Proust**. In. REVELLI Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas v. 1, n. 1, março de 2009.

RICOEUR, Paul, 1913 – **Tempo e Narrativa** (tomo 1) / Paul Ricoeur; tradução Constança Marcondes Cezar – Campinas, SP: Papirus; 1994.

SAMPAIO, Aíla Maria Leite. **Personagens em Trânsito, Espaços Subjetivos e Intertextos em “A cidade ilhada”**, de Milton Hatoum In. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 28, n. 1, p. 35-44, jan./jun. 2013.

SARLO, Beatriz **Tiempo pasado: Cultura de la Memoria y Giro Subjetivo**. Uma discursión. 1ª ed. 2ª reimp. – Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores, 2012. 168; 21x14 cm. – (Sociología y política).

VASCONCELOS, Marina. **Estrangeiros na Obra de Milton Hatoum. Leitura dos Contos de A cidade Ilhada**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em julho de 2013.